

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO**

**PESQUISA PARA REALIZAÇÃO DE NARRATIVA TRANSMÍDIA
ESCONDIDAS PELA VIDA: UMA PASSAGEM POR HISTÓRIAS DE
PROSTITUTAS APÓS OS 40 ANOS**

DIANE PINHEIRO DO NASCIMENTO

**SÃO PAULO
2º SEMESTRE/ 2018**

DIANE PINHEIRO DO NASCIMENTO

**ESCONDIDAS PELA VIDA: UMA PASSAGEM POR HISTÓRIAS DE
PROSTITUTAS APÓS OS 40 ANOS**

Relatório do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para avaliação parcial do Curso de Jornalismo, sob a orientação da Sra. Professora Dr^a. Denise Cristine Paiero.

SÃO PAULO

2ª SEMESTRE/ 2018

“Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor”.

LINK

<https://dianepnascimento.wixsite.com/escondidaspelavida>

Última atualização: 21 de novembro de 2018, às 22h

DEDICATÓRIA

Às mulheres que cederam minutos do seu valioso tempo para contar as suas histórias e que neste momento estão se prostituindo para ganhar menos do que cinquenta reais.

AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de agradecer primeiramente as forças superiores que colocaram todas as personagens no meu caminho. Mesmo não tendo uma religião, acredito piamente no quanto fui abençoada.

Agradeço aos meus pais, Rosilene e Antonio, que sempre fizeram dos estudos a prioridade em minha vida. Sem eles, não seria nada do que sou hoje.

À minha orientadora, Denise Paiero, por me receber semanalmente com paciência, dedicação e inúmeros conselhos. Ela me conduziu a realizar este trabalho da melhor maneira possível e eu não poderia ter tido orientações melhores do que as dela.

Às minhas irmãs, Thuane e Halane, por me aconselharem durante o processo de desenvolvimento.

Ao meu companheiro, Gabriel, por ter me acompanhado inúmeras vezes no trabalho de campo, por ter me ouvido, por ter me compreendido, por ter despertado em mim o espírito da empatia e assim poder enxergar realidades muito diferentes da minha.

Ao meu amigo, Pedro Vinicius, por ter acreditado no meu trabalho desde o início. Agradeço também ao meu amigo, Alisson Ricardo, por ter feito as ilustrações para o site de maneira impecável.

Agradeço a todos os colaboradores do Museu da Cidade por toda a disposição no envio de materiais referentes ao Bairro da Luz.

Não posso deixar de agradecer aos meus professores que diretamente ou indiretamente tiveram imensa contribuição para eu chegar até este momento.

Por último, agradeço aos meus colegas de formação, Anderson Teixeira, Ana Gabriela Graças, Beatriz Messa, Elen Cristiane, Maria Clara Lucci, Marília Martins, Mayara Zago e Tayná Medeiros, por todos estes quatro anos de caminhada.

EPÍGRAFE

*“De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada”*

Geni e o Zepelim (Chico Buarque)

Resumo: Esta pesquisa dá base para apresentar uma reportagem multimídia sobre mulheres prostitutas após os 40 anos de idade, principalmente no Parque da Luz, região central de São Paulo. São contados histórias de vida e motivações para se prostituir, abordando questões financeiras, de saúde e os universos familiares, visto que a grande maioria dessas profissionais escondem a vida de programas, motivo este que intitula o projeto. Além disso, conta-se também com o relato de quem optou pela profissão, fazendo contrapontos a fim de demonstrar que a questão é muito mais complexa do que o abordado. Por outro lado, este Trabalho de Conclusão de Curso também levanta questões relacionadas à temática geral da profissão, como a Lei da Regulamentação da Prostituição. Isso porque, durante o período de pesquisa e de elaboração da peça, observou-se a necessidade de abordar assuntos correlatos a questões gerais. Foram realizadas pesquisas via internet, artigos e dissertações, além de haver inspirações de reportagens já veiculadas.

Palavras-chave: Prostituição, Mulheres, Jornalismo e Jornalismo Online

Abstract: This research gives the opportunity to present a multimedia report about women prostitutes after 40 years of age, mainly in the Parque da Luz, central region of São Paulo. Life stories and motives for prostitution are told, addressing financial, health and family issues, since the great majority of these professionals hide life from programs, which is why the project is titled. In addition, there is also the report of those who chose the profession, making counterpoints to demonstrate that the issue is much more complex than the one addressed. On the other hand, this Course Conclusion Paper also raises questions related to the general theme of the profession, such as the Law on the Regulation of Prostitution. This is because, during the period of research and preparation of the piece, it was observed the need to address issues related to general issues. Internet surveys, articles and dissertations were carried out, as well as inspirations from already published reports.

Keywords: Women, prostitution, São Paulo

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1. As definições de mulher	13
2.2. A prostituta na sociedade: trabalho ou exploração?.....	14
3. A NARRATIVA TRANSMÍDIA	16
4. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	19
4.1. Influências	19
4.2. Entrevistas.....	21
4.2.1. Perguntas	22
4.3. Pesquisa sobre o Parque da Luz - Museu da Cidade	22
4.4. PROJETO EDITORIAL	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de apresentar relatos de prostitutas após os 40 anos, no qual tem como resultado uma narrativa transmidia. Nela é possível verificar a presença vertentes da prostituição, no qual estão inclusas mulheres que se submetem a atividade para suprir a falta de oportunidade no mercado de trabalho.

Em muitos casos a prostituição confunde-se com exploração sexual, no qual se configura como tráfico de mulheres e também o trabalho forçado. Segundo dados mundiais da Organização Mundial do Trabalho, em 2017:

Das 24,9 milhões de pessoas submetidas a trabalho forçado, 16 milhões foram exploradas no setor privado (por ex. trabalho doméstico, construção ou agricultura), 4,8 milhões sofreram exploração sexual forçada e 4 milhões estavam em situação de trabalho forçado imposto por autoridades de governos. As mulheres representam 99% das vítimas do trabalho forçado na indústria comercial do sexo e 84% dos casamentos forçados.

O relatório intitulado “Estimativa Global de Escravidão Moderna: trabalho e casamento forçado” apresentado em setembro do mesmo ano, em Geneve (Suíça), declara que não há um registro legal de escravidão moderna, mas que se refere essencialmente a situações de exploração. Ou seja, as pessoas que estão a mercê desta circunstância são alvos de ameaças, violências e abusos do poder no geral. Assim, o trabalho forçado inclui o tráfico de pessoas e exploração sexual, inclusive o de crianças.

Por outro lado, há mulheres que não veem outra opção senão essa de usar o corpo como ferramenta de trabalho. Mulheres, mães de família, donas de casa, jovens ou senhoras estão submetidas a tal exercício, seja para investir em estudos ou simplesmente para alimentar os filhos e netos. Neste cenário, o propósito deste Trabalho de Conclusão de Curso é delinear um grupo específico dessas mulheres. Mais profundamente, como retratar por meio de uma Narrativa Transmídia, o que é ser uma prostituta após os 40 anos?

Este foi o recorte escolhido justamente pois pouco se fala sobre esta faixa etária de mulheres dentro da prostituição e, conseqüentemente, um debate

inexistente na sociedade. Quem são essas mulheres e quais são as suas motivações para continuar neste exercício? Como é a relação com os familiares, uma vez que boa parte nesta faixa etária sustenta os seus lares? Como desvincular (caso seja necessário) a figura de mulher, mãe, filha, esposa e prostituta?

Para isso, foram realizadas entrevistas no Parque da Luz, região central da cidade de São Paulo, no qual há uma grande concentração de prostituição de senhoras. Através disso as narrações de vida foi o recorte para a produção da reportagem.

O enfoque foi retratar de maneira humanizada os diversos porquês de cada uma delas. Demonstrar que, acima de tudo, são seres humanos que buscam e tentam o melhor na sociedade. Neste sentido, as protagonistas são aquelas que caíram na prostituição por conta das intempéries da vida e não por uma mera escolha ou curiosidade.

Na lógica perversa do capitalismo, onde tudo se converte em mercadoria, o corpo da mulher torna-se passível de compra e venda. Como em uma prateleira de supermercado, onde se escolhe tamanho, cor e prazo de validade. Como objetos que servem, ainda, para reforçar a dominação masculina por meio da satisfação de suas necessidades (MENDONÇA, 2013).

Neste sentido, brancas, negras, migrantes, mães, avós, solteiras, donas de casa, todas essas tiveram vozes para contar a sua história e demonstrar os tabus cruéis que giram em torno da profissão e todos diversos estereótipos e histórias de vida dolorosas.

Para completar, foi também inserida a questão do outro lado, aquelas que optaram pela prostituição. Por meio dos dois lados, complementam-se e geram reflexões acerca dos diferentes contextos.

Acerca do produto final escolhido ser uma narrativa multimídia, justifica-se pela quantidade de recursos que essa ferramenta permite criar, a ponto de fazer o leitor imergir completamente em uma história. Ou seja, por meio dela é possível utilizar uma ampla quantidade de recursos, sendo os mais recorrentes áudios, vídeos e fotografias, e assim compor junto aos elementos textuais uma inserção completa numa narração.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. As definições de mulher

De Nossa Senhora a Eva, as mulheres ao longo da história da humanidade receberam diversos rótulos. Segundo PISCITELLI (2001, p.5) “A categoria mulher é pensada como incluindo traços biológicos e, também, aspectos socialmente construídos”. Isso é visto desde o século XIX, cujas práticas voltadas para a educação sexual eram formas de aplicar as figuras de mãe, esposa fiel ao companheiro (GUIMARÃES, 2003). Do sagrado ao profano, a mulher se vê diante ou dos padrões estabelecidos do papel de Maria (a virgem, a santa, mãe) ou ao de Eva (egoísta, pecadora).

Nesta perspectiva ESTÉS (2014, p.25) defende a figura da mulher a fim de barrar os estereótipos que ao longo dos anos foram designados. “Não somos feitas para ser franzinas, de cabelos frágeis, incapazes de saltar, de perseguir, de parir, de criar uma vida”. Seguindo o ponto de vista da autora, essas adequações das características das mulheres tornaram-se mais evidentes após conquistas como o direito ao voto em 1934 e a criação a pílula anticoncepcional em 1960.

Assim moldou-se a sociedade. Num viés entre o que é poder ser e o que é querer ser, a mulher nunca teve tantas possibilidades, se comparado ao sexo oposto. Para BEAOUVOIR (2008, p. 109) [a mulher]:

Ocupa-se mas não faz nada, e porque não faz nada não tem nada, não é nada. É com comédias e mistificações que ela se esforça por encher esse vazio. Censuram-na, por vezes, por ser dissimulada, mentirosa, por inventar histórias. O facto é que está destinada ao segredo e à mentira. Com dezasseis anos uma mulher já passou por penosas provações: puberdade, regras, despertar da sexualidade, primeiras febres, medos, nojos, experiências equívocas; encerrou todas essas coisas no coração; aprendeu a guardar cuidadosamente os seus segredos.

O casamento é a constituição familiar é um tópico imprescindível na construção da mulher. A ela se deve a governança do lar, a criação dos filhos, zelo ao marido. No entanto, com as recorrentes lutas, a mulher tem conquistado seus espaços, mesmo no dia a dia sejam ínfimas.

Por isso, mulheres que saem dessa formação acabam por se tornarem alvos: curvas fora da linha. É o caso da prostituta Lourdes Barreto, que optou por ser prostituta e criou a fundação GEMPAC, na cidade de Belém, no Pará, e hoje atua na assistência de colegas da profissão, incluindo a distribuição de camisinhas.

A civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito à satisfação dos seus desejos sexuais, ao passo que a mulher é confinada ao casamento: para ela, o acto carnal, não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; tem o dever de defender a sua virtude, a honra; se "cede", se "cai", suscita o desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração. (BEAOUVOIR, 2008, p. 128)

Também é importante destacar o sentido da palavra prostituição. Ao proferir tal termo, fica claro que há uma conotação pejorativa, ao passo que muitas profissionais optam por não serem chamadas como tal. Há censura até mesmo na nomenclatura.

2.2. A prostituta na sociedade: trabalho ou exploração?

Aspásia (470-410 a.C.) nasceu em Mileto, na Grécia Antiga, e é uma das primeiras mulheres a se ter um registro de prostituição. Segundo CECCARELLI (2008), a cidade onde cresceu teve influência em seus estudos, já que era um local de referência para se dedicar a tal prática e, por conta disso, foi uma das maiores influenciadoras de Sócrates (469 – 369 a.C). Ela administrou uma casa que procurava meninas para satisfazer seu filho, Péricles (495/492 a.C. - 429 a.C.), e por conta do seu contato entre os pensadores, atingiu um nível de conhecimento que não era alcançado pelas demais mulheres na sociedade, uma vez que elas se dedicavam a única e exclusivamente ao casamento e aos filhos. Partindo deste cenário grego, as aspásias modernas não usufruem da mesma realidade.

De acordo com a Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009, a prostituição é posta no mesmo patamar que a exploração sexual. Além disso, segundo consta no Portal Brasil, “o sistema legal adotado no País para essa categoria de trabalhadoras é o abolicionista, que define a prostituta como uma vítima que só exerce a atividade por coação de um terceiro, o ‘explorador’ ou ‘agenciador’”. Por isso, a legislação pune o dono ou gerente de casa de prostituição, e não a

prostituta”. Ou seja, a própria constituição define de forma superficial as nuances dessa realidade, sem se aprofundar nas questões particulares.

A exploração sexual, a pornografia infantil, turismo sexual infanto-juvenil e o tráfico para fins sexuais fazem parte de uma rede mundial que movimenta bilhões de dólares no mundo e tem como objetivo obter o máximo de lucros com a coação ou persuasão de um aliciador ou aliciadora (um profissional engana crianças e adolescentes para explorá-los sexualmente). A grande maioria das vítimas entra nesse “mundo” com falsas promessas, suborno, sedução, ou vendidas pelos próprios pais (LOPES, 2015).

Às margens sociais, a categoria está entre a linha tênue da prática criminal e como forma de sobrevivência. De acordo com o Art. 228 do Código Penal, é crime “Induzir ou atrair alguém à prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone sendo que a pena é de dois a cinco anos de reclusão”. No entanto, sabe-se que mais de 40 milhões de pessoas se prostituem no mundo, segundo o relatório divulgado pela Fundação Francesa Scelles (BBC, 2012).

A complexidade do fenômeno se dá pelo fato de que a prostituição ao mesmo tempo que prega a liberdade sexual feminina diante do homem, também pode resultar na forma explorável destes corpos que se vendem. Segundo BARROS (2005), há quatro grupos fundamentais que discutem sobre o assunto: “(1) os que condenam esta prática; (2) os que toleram e aproveitam, mas a criticam; (3) aqueles que a aceitam no intuito de explorar rendas e benefícios e (4) os que defendem a prática e sustentam a possibilidade de sua regulamentação”. Segundo RUSSO (2007):

A definição de valor está no cerne das relações de prostituição, pois nela ocorre uma troca, que só é possível porque diferentes valores estão em jogo. No âmbito da mercantilização que tem lugar na prostituição, trocam-se valores diferenciados: sexo por dinheiro, satisfação sexual por liberdade de ter o que se quer, dentre outros. O corpo e o prazer por ele prometido são transformados em mercadorias.

Do latim *prostitutio*, este é o ofício que oferece relações sexuais em troca de pagamento. Mas, a própria definição de prostituta se depara com inúmeros sentidos, de acordo com o dicionário de sinônimos: bagaxa, vulgívaga, tolerada, rascoeira, rascoa, pécora, mulher pública, mulher perdida, mulher da vida, mulher da rua, marafona, garota de programa, cocote, amásia, messalina, cortesã, rameira, perdida, meretriz, rapariga, dama, concubina.

Com palavras que expressam o sentido pejorativo, em vista de sua abrangência, é possível entender a razão de ser esta temática perpassada por tantos discursos e abordada de maneiras tão distintas. Entre as diferenças encontradas nas várias formas como a prostituição é entendida e tratada em nossa sociedade destacam-se a sua denominação e a de suas representantes, que vão desde termos de cunho pejorativo até nomes com muito "enfeite" e pompa (BURBULHAN et al., 2012).

Todas estas definições se referem ao modo como a sociedade vê a prostituição sob a ótica mais genérica. Desde as menções como a profissão mais antiga do mundo até a atual discussão sobre a regulamentação como profissão, a prostituição é um campo que se não for analisado de maneira individual, cai no aspecto vil.

Discute-se que este ofício atrela-se a perfis de mulheres egoístas e infiéis “por se encontrarem à margem dos padrões considerados normais”. Isto remete aos aspectos sociais que paulatinamente foram incorporados aos chamados papéis da mulher: mãe, esposa, santa, virgem, fiel. (GUIMARÃES, 2007, p. 30).

Mesmo colocada no âmbito periférico, a profissão está incluída na Classificação Brasileira de Ocupações, a CBO. Nela, são definidas as condições gerais de exercício: feita por conta própria, incluindo os locais e os horários. Além disso, apresenta as principais campanhas de organização: promover valorização profissional da categoria, participar de cursos de auto-organização, participar de movimentos organizados, combater a exploração sexual de crianças e adolescentes, distribuir preservativos. Multiplicador informação, participar de ações educativas no campo da sexualidade (CBO). Ainda são apontadas as condições vulneráveis, tais como o contágio de doenças sexualmente transmissíveis e maus-tratos.

3. A NARRATIVA TRANSMÍDIA

Construir narrativas é um universo amplo de peças midiáticas e que pode agradar a diferentes tipos de públicos: filmes, histórias em quadrinhos, livros, teatros. Neste quesito, com a internet, as reportagens ganharam uma nova maneira de contar histórias: narrativa transmídia. A partir dela, o texto se une ao imagético, seja em vídeo, fotografias ou infográficos, e também aos áudios. Tudo isso faz com que o leitor realize uma imersão na história de forma dinâmica.

Neste cenário transmidiático, a narrativa, quando contada por meio da ajuda de diferentes meios, completa um cenário já conhecido e assim, na tentativa de criar um conteúdo inteiro, sem apresentar lacunas. Segundo COMIN (2014, p. 87), trata-se, portanto, “de um evento que só pode ser propiciado pelo advento da era digital, através da maior acessibilidade à rede de conexões de informações disponibilizadas”. Esta maneira de narrar abre espaço para as histórias serem ampliadas para diferentes meios e canais comunicacionais (JENKINS, 2009).

Neste cenário, o jornalismo online foi desenvolvido como parte de uma possibilidade que apenas o advento da internet conseguiu proporcionar. De acordo com a análise de MARTINS (2013, p. 5)

O Jornalismo deixa de ser criado exclusivamente para determinados formatos, consoante o meio de comunicação, passando a incluir todos eles numa só plataforma, estando acessíveis através de um clique. Surge então um novo tipo de jornalismo adaptado ao formato digital e que se divulga através das novas tecnologias, mais precisamente, da Internet, ou seja, o denominado Jornalismo Online.

As reportagens multimídias ganharam um amplo espaço nos portais, visto que boa parte do conteúdo noticioso apresenta assuntos pouco explorados (as chamadas *hard news*). Isso ocorre principalmente devido a velocidade no qual as informações devem ser disparadas e isso resulta em breves notícias com poucas apurações. Deste modo, as reportagens multimídias surgem como um complemento, contemplando também modos interativos e criativos de se abordar determinados assuntos.

Além disso, o leitor se viu como parte do processo de construção de narrativas e isso se reflete também em interações que ele pode ter nas reportagens. Para MARTINS (2013, p.6), “Deixam de ser apenas factos apresentados e lidos pelos leitores e passam a ser alvo de discussão pelos utilizadores em rede que partilham e comentam as informações”.

Essas ferramentas ficaram conhecidas primeiramente em veículos internacionais, como é o caso da “Snow Fall - The Avalanche at Tunnel Creek”, assinada em 2012 pela equipe do New York Times. Hoje, um dos maiores exemplos de jornalismo multimídia é o portal “Uol Tab”, no qual reúne dezenas de criações brasileiras voltados apenas para esta modalidade. Nos últimos anos,

outros veículos aderiram a este modo de fazer jornalismo, como é o caso da reportagem “Firestorm: The story of the bushfire at Dunalley”, assinada pela The Guardian e a “OTL: The Long, Strange Trip of Dock Ellis”, criada pela ESPN.

4. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

No início da pesquisa, o objetivo inicial era realizar um documentário, de linguagem poética, no qual relatasse as histórias de vida destas mulheres. No entanto, mediante as dificuldades em se realizar um documentário sobre este tema, optou-se pela mudança para o formato Narrativa Transmídia, compatíveis para visualização no desktop e mobile. Isso ocorreu durante as apurações no próprio parque, pois cerca de 20 prostitutas foram contatadas, sendo que deste total apenas três aceitaram responder às perguntas. Este receio em dar entrevistas, em qualquer que seja o formato, é porque as famílias desconhecem o trabalho realizado ali.

A criação da reportagem multimídia foi pensada de forma a resultar em uma atmosfera que leva o leitor até este desconhecido e pouco falado profundamente que é o mundo da prostituição. Durante a pesquisa, foram usadas matérias como base oposta ao que queria ser colocada na peça, pois constata o quanto este tema abre margem para marginalizá-las ainda mais. Um dos exemplos é o caso da reportagem realizada em 2013 pelo programa Balanço Geral, da Rede Record, que realiza uma pauta no qual ressalta o sofrimento dos moradores com a prostituição do parque. Além disso, a reportagem é realizada com câmeras escondidas e tais atos têm consequências até os dias atuais.

A partir dessas reportagens, pensou-se em realizar uma narrativa em que se difere das que servem apenas para ressaltar a visão preconceituosa com a categoria e fazer com que o leitor possa captar a essência dessas mulheres, que além de tudo são mães e avós que buscam um sustento e são tão de família quanto qualquer outra cidadã.

Para isso, a narrativa transmídia funciona como uma plataforma que permite ao leitor interagir e imergir com os universos abordados. Com boa parte ocupada por textos, as ferramentas de áudio e vídeo emolduram e dão vida para aquilo que apenas as palavras não conseguem traduzir por si só.

4.1. Influências

Como principais referências para montagem da peça estão as reportagens “Firestorm: The story of the bushfire at Dunalley”, publicada há cinco anos pelo jornal britânico The Guardian, e a “OTL: The Long, Strange Trip of Dock Ellis”, assinada em 2012 pela ESPN. A primeira, explora quase majoritariamente, recursos audiovisuais, enquanto a segunda utiliza ilustrações e imagens para, informalmente e de forma descontraída, narrar a trajetória do jogador de beisebol Dock Ellis.

Na reportagem do The Guardian, o leitor consegue imergir para o assunto abordado: o incêndio florestal que atingiu a Tasmânia em 2013. Um áudio com vozes e sons das hélices de um helicóptero e também imagens da família protagonista da matéria abrem a reportagem. Conforme a matéria é lida, vídeos funcionam como plano de fundo para o texto, que dividido em capítulos, desenha os relatos dando até mesmo a impressão de que um filme é contado a partir deles.

Na peça, estes recursos são utilizados de forma a criar uma atmosfera que leve o leitor até o Parque da Luz. Vídeos das áreas verdes, esculturas, dos lagos e dos visitantes realizando atividades ou apenas admirando o ambiente são os meios usados para realizar este transporte. A utilização destes vídeos justifica-se pelo fato de que por mais que as pessoas saibam o que seja um parque, este em específico carrega a energia do centro de São Paulo, no qual é infestado por descaso, falta de políticas públicas e abandono das pessoas que vivem na região. O local ao mesmo tempo que funciona como um ambiente de lazer, também traz consigo moradores de rua, pessoas entorpecidas e também as prostitutas.

Enquanto isso, na matéria esportiva da ESPN, propõe-se uma linguagem bastante literária, visto que as aspas são feitas em forma de diálogo. Para o tema da prostituição, este recurso é válido, já que a ideia é ressaltar a vida das mulheres do parque, incluindo quem são elas e as suas motivações por estarem lá mesmo após os 40 anos.

Além dessas influências internacionais, em território nacional foi utilizado o portal de notícias “Uol Tab” como grande influenciador. Nele há um compilado de narrativas transmidiáticas, agregando conteúdos que incluem desde matérias apenas feitas por vídeos ou somente por textos com infográficos. O portal

possibilita imersão dos leitores em suas matérias, principalmente por trazer, em sua maioria, reportagens humanizadas.

Por último, a reportagem “Eu Estive na Guerra”, do jornalista Hamilton Ribeiro publicada em Maio de 1968, pela Revista Realidade. Ao retratar a sua vivência na Guerra do Vietnã (1959-1975), influenciou diretamente no desenvolvimento da peça. Isso porque optou-se por utilizar travessões ao longo do texto, remetendo ainda mais a linguagem mais literária.

4.2. Entrevistas

As personagens principais entrevistadas foram encontradas *in loco*, através de idas até o parque em diferentes dias e horários. As personagens principais, Cida e Simone, foram as escolhidas para contar mais a sua história. Além delas, foram contadas três prostitutas que contaram sobre as vidas de maneira mais informal, sem querer realizar nenhum registro. Isso ocorre pois todas elas escondem a sua profissão de parentes e amigos e por isso há o temor na divulgação de vídeos, fotografias e até mesmo dos áudios.

As entrevistas com as duas personagens principais foram conseguidas a partir de explicação do que é a peça e o intuito do trabalho. O fundamental foi a aproximação encontrando mulheres muito diferentes entre si, seja em suas personalidades ou em suas motivações por estarem ali após os 40 anos.

Ao fazer os primeiros contatos para uma possível entrevista, as mulheres davam diferentes motivos para a recusa: estavam a espera de algum cliente, queriam ganhar o seu dinheiro ao invés de participar do projeto ou simplesmente não gostariam de conversar. E, quando perguntado do porquê da recusa, majoritariamente é porque estavam ali escondidas. Numa determinada abordagem, uma delas escondeu o rosto com os cabelos pois acreditava que poderia estar sendo gravada às escondidas.

Dois outros personagens dão tons a narrativa. Tanto Maria de Lourdes, ativista e fundadora da GEMPAC, quanto Thaddeus Blanchette, antropólogo pela UFRJ e pesquisador do Observatório da Prostituição, aparecem com suas visões de mundo: ela porque escolheu a prostituição para a sua vida e ele porque é especialista na causa.

4.2.1. Perguntas

Na peça estão retratados o cotidiano e o histórico destas mulheres. Portanto, as perguntas roteirizadas tiveram o principal papel de traçar e analisar a vida por detrás da prostituição. Como base, foram realizadas as seguintes perguntas:

- 1- Como começou na prostituição?
- 2 - Qual era a sua antiga profissão/Qual é a sua atual profissão?
- 3 - Como é a formação da sua família (filhos, dos netos, nomes, idades, profissão, onde moram)
- 4 - Quais atividades a senhora pratica no tempo livre?
- 5 - Qual é a relação com as outras prostitutas?
- 6 - Qual é a sua rotina?
- 7 - Como é trabalhar no parque? (Segurança, quanto custa um programa, quais são os clientes).

4.3. Pesquisa sobre o Parque da Luz - Museu da Cidade

Para relatar sobre o Parque da Luz, realizou-se uma pesquisa no acervo e biblioteca do Museu da Cidade, na região central de São Paulo. No local, foi dado o acesso ao boneco da exposição “Parque da Luz - Um Patrimônio a Ser Preservado”, realizado em maio de 1990. O documento formado por fotos e relatos históricos, possibilitou o resgate da memória do local, bem como analisar os processos que transformaram o parque ao longo das décadas.

Tanto o boneco da exposição quanto o livro consultado “Luz - notícias e reflexões: História dos bairros de São Paulo”, de Clóvis de Atahayde Jorge (1988) deram base principalmente para a composição do vídeo.

5. PROJETO EDITORIAL

O projeto editorial conta com o público alvo a partir dos 18 anos, uma vez que é a partir desta faixa etária que geralmente encontram-se mais abertos para

questões delicadas como esta. Isso porque é de suma importância um olhar mais humanizado e reflexivo e menos crítico ou conservador.

A construção do site foi feita por meio da plataforma Wix, com todas as criações feitas pela própria autora, com exceção das ilustrações. Desta forma, os vídeos, infográficos e o mapa (criado por meio do site MapHub) foram feitos sem auxílio externo. Com relação ao mapa, é importante destacar que ele foi realizado com base no relatório da organização Fondation Scelles, disponível na versão original na peça. No documento é possível navegar pelos países e encontrar dados sobre prostituição, em inglês. Por causa disso, pensou-se em transformar os dados oferecidos e passá-los um a um para o português e criar um mapa exclusivamente traduzido.

Com relação aos vídeos, estes foram realizados no próprio Parque da Luz, com destaque para as principais paisagens que fazem parte da rotina das prostitutas e, de alguma forma, tentou-se conectá-los ao tema desenvolvido durante o capítulo subsequente. O caso mais forte é do vídeo que ilustra o início do “Capítulo III - Regulamentar”, pois o elemento audiovisual utilizado mostra um inseto polinizando uma flor, remetendo àquilo que as casas de prostituição fazem com as suas trabalhadoras: usufruem delas. Além disso, houve a preocupação em editá-los, aplicando filtros que combinassem com a paleta de cores utilizada no site, bem como fazer com que tivessem semelhança às cores da paisagem.

Devido a ausência de filmagens das prostitutas, coube fazer com que o site tivesse a função de criar o ambiente do parque, principalmente na construção das características das mulheres. Por isso, as personagens são apresentadas nos textos e recebem complemento das ilustrações. Estas foram feitas pelo ilustrador gráfico Alisson Ricardo, que se baseou majoritariamente nos relatos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um trabalho de conclusão de curso foi um grande desafio, em todos os aspectos. Isso porque, além do estigma, há muita preocupação em se manter a visão de que a prostituição é um universo que está alocado ao lado de outros temas como drogas e aborto, por exemplo.

O resultado disso foi um aprendizado principalmente como pessoa, pois através do tema é possível enxergar este grupo em específico. Através da linguagem e dos elementos ilustrativos foi pensado em realizar uma narrativa que englobasse também repertório jornalístico adquirido durante os anos de graduação.

Ao longo de todo o processo de apuração e desenvolvimento da peça, pensou-se em executar um trabalho que desse voz às mulheres, isso porque é notório que ao desenvolver pautas relativas a este tema, há uma perceptível marginalização. Isso é ainda mais preocupante uma vez que a população brasileira envelhecerá mais nos próximos anos. Desta maneira, após a conclusão da peça, observo que respondi a pergunta problema proposta inicialmente, “como retratar por meio de uma Narrativa Transmídia o que é ser uma prostituta após os 40 anos?”. Mesmo diante das dificuldades acerca da problemática, consegui relatos de mulheres únicas e, utilizando outras abordagens que englobam a prostituição no geral, a peça resultou o trabalho que encerra o ciclo no curso de Jornalismo.

Ao longo dos anos de graduação não havia conseguido colocar em prática. Abordar um assunto tão delicado, fez com que, acima de tudo, colocarme no lugar do outro com a máxima empatia, sem preconceitos ou julgamentos. Foi poder ouvir relatos que fizeram eu refletisse acerca da imensa problemática que é se prostituir.

Na tentativa de poder colocar em prática disciplinas estudadas no decorrer do curso, algumas posso citar que com certeza tiveram papéis fundamentais. São elas Jornalismo Literário, Construção de Narrativas, Crossmedia, Semiótica da Cultura, Jornalismo Cultural, Políticas Públicas e Direitos Humanos. Isso porque cada uma delas, seja no momento da apuração ou no desenvolvimento do texto, essas matérias, de acordo com cada ponto de

vista, visam colocar em prática o jornalismo humanizado. Além disso, entender os conceitos culturais brasileiros também tiveram a sua devida importância para de alguma forma entender as particularidades a nossa sociedade.

Ao longo da graduação procurei me desafiar em diferentes plataformas e, ao concluir este TCC, percebo o quanto isso foi diferencial. Aprimorar o olhar fotográfico e poder enxergar detalhes (como capturado no vídeo introdutório do Capítulo III - Regulamentar) ou conciliar o aprendizado em diagramações no Indesign (como a escolha de fontes e espaçamentos) tivessem a sua devida importância no final.

Outras disciplinas como Semiótica da Cultura e Políticas Públicas e Direitos Humanos possibilitaram a construção de uma narrativa que exploram além da dicotomia do “Bem x Mal”. Isso porque quando se fala em prostituição o mais comum é ouvir reducionismos, sem analisar o contexto social de cada um. Ignora-se toda uma vida, simplesmente por causa de uma construção social que as coloca como mulheres de vida fácil.

Realizar este projeto é uma satisfação, pois sempre tive a preocupação em poder contar uma história que não fizesse parte do meu cotidiano e que me desafiasse como pessoa e profissional. Isso porque ao longo dos anos da graduação, por mais que houvessem maneiras de se delimitar um tema para retratar, haviam muitos empecilhos, principalmente questões relacionadas ao tempo e por divergência de opiniões, visto que os trabalhos realizados majoritariamente foram feitos em grupo.

Por isso, falar de prostituição me fez refletir sobre as minhas condições como mulher e como as questões sociais interferem e não somente por falar de mérito. Foi também possível refletir acerca de políticas públicas que infelizmente são pífias. Poder passar dias com essas mulheres, fizeram-me admirá-las pela força, persistência e pelo amor que elas têm pelas suas famílias. Sem contar o fato de que esconder a sua profissão por uma, duas décadas, não é para qualquer pessoa.

Por fim, concluo que foi um trabalho que certamente me marcou como pessoa, até mais do que no âmbito profissional. Sair do meu cotidiano para me dedicar a essas histórias foi engrandecedor. Vejo que realizei um trabalho que foi além do propósito e criei algo para as protagonistas da minha peça.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGOS, LIVROS E TESES

BARROS, Lúcio Alves de. **Mariposas que trabalham.:** Uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte. 2005. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/7356/mariposas-que-trabalham>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

BURBULHAN, Fernanda et al. **Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes.** 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000400013&lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2017.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição – corpo como mercadoria.** Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=157>. Acesso em: 23 nov. 2017.

COMIM, Luciana. **A construção de uma narrativa transmídia.** 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/viewFile/12759/9033>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres Que Correm Com Os Lobos.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014. 575 p.

FIGUEIREDO, Camila Augusta Pires de. **Narrativa Transmídia: modos de narrar e tipos de histórias.** 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/download/25079/14480>>. Acesso em: 09 out. 2018.

GUIMARÃES, Roberto Mendes. **Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas.** 2003. 297 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007. Cap. 12. Disponível em: <http://www.ffclrp.usp.br/imagens_defesas/31_05_2010__20_24_51__43.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=3xsFCwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=cultura+da+convergencia&hl=pt->

BR&sa=X&ved=0ahUKEwjslu68pvrdAhUOI5AKHVxJBdcQ6AEIKDAA#v=onepage&q=cultura%20da%20convergencia&f=false>. Acesso em: 09 out. 2018.

MARTINS, Célia. **Jornalismo Online: a convergência dos meios**. 2013. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-jornalismo-online-convergencia.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MENDONÇA, Débora. **A prostituição sob o olhar do feminismo que transforma**. 2013. Disponível em: <<https://marchamulheres.wordpress.com/2013/04/12/a-prostituicao-sob-o-olhar-do-feminismo-que-transforma/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher?**. 2001. Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

RAMOS, Diana Helene. **Preta, pobre e puta: a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga**. 2015. 339 f. Tese (Doutorado) - Curso de Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/2016/Teses-Premiadas/Planejamento-Urbano-Regional-Demografia-Diana-Helene-Ramos.PDF>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

RUSSO, Gláucia. **No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos**. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2017.

AUDIOVISUAL

ALÉM da Rua Augusta. São Paulo, 2011. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7i6ClzigBEw>>. Acesso em: 26 out. 2017.

DE FRENTE com Gabi - Gabriela Leite - Parte 1. [s.i.]: Sbt, 2011. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ggl2YDQEH70>>. Acesso em: 26 out. 2017.

ENTREVISTA com Gabriela Leite. [s.i.]: Saraiva, 2009. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mx7QxvJmQN4>>. Acesso em: 26 out. 2017.

PROFISSÃO Repórter - Mulheres que vivem da prostituição. [s.i.]: Globo, 2013. Son., color. Reportagem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VylO5_1Wz08>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BALANÇO Geral - O Povo Sofre: moradores de São Paulo sofrem com a prostituição em parques. São Paulo, 2013. (7 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NbcKufbHo5E>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

HOMEPAGES

BRASIL. Constituição (1940). Decreto nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Art. 228 do Código Penal - Decreto Lei 2848/40**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10609887/artigo-228-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaAtividades.jsf>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

Fondation Scelles - Knowing, Understanding, Fighting Sexual Exploitation. Disponível em <<http://www.fondationscelles.org/en/>>. Acesso em: 09 out. 2018.

Trabalho Forçado no Brasil. Disponível em: <<http://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-escravo/lang--pt/index.htm>> Acesso em: 20 nov. 2017

MATÉRIAS ONLINE

Alma Negra. **Outra face da prostituição: Idosas, Negras e Analfabetas**. 2017. Disponível em: <<http://www.almapreta.com/editorias/realidade/outra-face-da-prostituicao-idosas-negras-e-analfabetas>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

BBC. **Mais de 40 milhões se prostituem no mundo, diz estudo**. Paris, 2012. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/01/120118_prostituicao_df_is>.

Acesso em: 05 nov. 2017.

BBC. A vida secreta das prostitutas veteranas que trabalham em parque

de SP. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45133657>> Acesso em: 06 nov. 2018.

Acesso em: 06 nov. 2018.

Extra. **Sexo a R\$ 10 é vendido dentro do Parque da Luz.** São Paulo, 2017.

Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/sexo-r-10-vendido-dentro-do-parque-da-luz-685389.html>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

Folha de São Paulo. **Prostitutas do parque, de 20 a 70 anos, temem mudanças.** Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2904200113.htm>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

LOPES, Claudiane. **Brasil é primeiro lugar em exploração sexual na América Latina.** 2015. Disponível em: <<http://averdade.org.br/2015/08/brasil-e-primeiro-lugar-em-exploracao-sexual-na-america-latina/>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

RIBEIRO, José Hamilton. **Eu estive na Guerra.** 1968. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/ofensiva-muda-o-rumo-da-guerra-no-vietna/docset/379>>. Acesso em: 09 out. 2018.

Vice. **A mulher que redefiniu o que significa ser uma trabalhadora sexual.**

São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/d7g98k/entrevista-diretora-belle-de-nuit-griselidis-real>. Acesso em: 21 nov. 2017

NARRATIVAS TRANSMÍDIA

BERTOLOTTO, Rodrigo. **País sem sintonia:** Depois de integrar o país por décadas, o rádio vive mudanças que podem provocar o efeito contrário. 2018. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/radio>>. Acesso em: 09 out. 2018.

HENLEY, Jon. **Firestorm: The story of the bushfire at Dunalley.** 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/interactive/2013/may/26/firestorm-bushfire-dunalley-holmes-family>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

HRUBY, Patrick. **OTL: The Long, strange trip of Dock Ellis**. 2013. Disponível em: <<http://sports.espn.go.com/espn/eticket/story?page=Dock-Ellis>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

BRANCH, John. **Snow Fall, The Avalanche at Tunnel Creek**. 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>>. Acesso em: 12 nov. 2018